

Jornal dos CRIADORES

ÓRGÃO INFORMATIVO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES - ANO V - Nº 52 - ABRIL 2005

ABC lança programa de debates sobre pecuária

Uma palestra sobre qualidade da carne e uma mesa-redonda sobre o futuro da rastreabilidade bovina no Brasil inauguram os “Encontros com a Pecuária”, programa de debates que a ABC começa a promover a partir deste mês,

em sua sede, em São Paulo. O objetivo é realizar, em média, uma atividade por mês, sempre com temas importantes para o setor. “Os Encontros com a Pecuária visam sistematizar uma atividade que a ABC já vinha desenvolvendo; nos

últimos anos realizamos 13 eventos, sobre os mais variados assuntos”, explica o presidente da entidade, Luis Alberto Moreira Ferreira. Veja, abaixo, a programação-convide das atividades de abril. *(Mais informações na pág. 3)*



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES “Encontros com a Pecuária”

“O sistema de rastreabilidade bovina no Brasil”

Dia 26 de abril de 2005 – Terça-feira
Das 09:30 às 13:00hs

A ABC - Associação Brasileira de Criadores, a mais tradicional entidade da pecuária brasileira, vem convidá-lo(a) para participar da mesa-redonda sobre o sistema de rastreabilidade bovina no Brasil.

Tema em discussão:

O futuro da rastreabilidade bovina

Convidado especial:

Médico Veterinário Naor Maia Luna – Coordenador do Sisbov/MAPA

Debatedores:

Luciano Medici Antunes - Presidente da Acerta
Luis Alberto Moreira Ferreira – Presidente da ABC

Local: Sede da ABC - Associação Brasileira de Criadores
Av. José César de Oliveira, 181 - 11º andar - Vila Leopoldina - SP
Tel.: 11 3832-9369 - Fax: 11 3831-2731
e-mail: abc@abccriadores.com.br
Estacionamento grátis no local



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES “Encontros com a Pecuária”

“Programas de qualidade da carne bovina”

Dia 18 de abril de 2005 – Segunda-feira
Das 09:30 às 13:00hs

A ABC - Associação Brasileira de Criadores, a mais tradicional entidade da pecuária brasileira, vem convidá-lo(a) para participar da palestra sobre programas de qualidade da carne Bovina.

Temas:

- O Programa de Qualidade Bovinos Independência - PQBI
- Como o pecuarista poderá alcançar melhores preços

Palestrante:

Miguel G. Russo (Neto) – Independência Alimentos

Local: Sede da ABC - Associação Brasileira de Criadores
Av. José César de Oliveira, 181 - 11º andar - Vila Leopoldina - SP
Tel.: 11 3832-9369 - Fax: 11 3831-2731
e-mail: abc@abccriadores.com.br
Estacionamento grátis no local

O deputado Xico Graziano é o entrevistado desta edição. **Págs. 6 e 7**

Livro mostra a história do leite em São Paulo. **Pág. 9**

O LEITE NA
PAULICÉIA



A débil cadeia da carne bovina

Luis Alberto Moreira Ferreira
Presidente da Diretoria Executiva

O Brasil tem o maior rebanho do mundo para fins comerciais, com mais de 180 milhões de cabeças, e é o líder nas exportações de carne bovina, com 1,161 milhão de toneladas embarcadas em 2004.

Seu mercado interno de carne bovina também guarda números superlativos. Em 2003, o Brasil consumiu 6,54 milhões de toneladas, número superado apenas pelos Estados Unidos (12,47 milhões de toneladas) e pela União Européia (7,41 milhões de toneladas). Em termos de consumo per capita, o Brasil (34,5 kg) fica atrás somente da Argentina (61,8kg), Uruguai (56kg), Estados Unidos (41,9kg) e Austrália (37,5kg).

O que sustenta esses dados da carne bovina brasileira são 1,8 milhão de propriedades pecuárias, que ocupam 200 milhões de hectares de pastagens, abrigam sete milhões de empregos e abastecem cerca de 1.500 frigoríficos, mais de 100 empresas de armazenagem e 50 mil pontos de comércio varejista.

Diante da grandiosidade desses números, seria de se supor que a cadeia produtiva da carne bovina brasileira é um exemplo de integra-

ção e harmonia entre seus diferentes elos, correto? Seria. A realidade é bem diferente, como exemplifica o embate em curso entre pecuaristas e frigoríficos, motivado pela redução unilateral do preço da arroba por parte da indústria.

Esse fato mostra o quanto a cadeia da carne bovina está esfacelada. Em suma, estamos fazendo tudo errado; agindo unilateralmente, em vez de procurar o consenso; promovendo o enfrentamento, em vez de incentivar o diálogo; buscando soluções imediatas, quando o que precisamos é de estabilidade e segurança no longo prazo.

Até podemos acreditar que brigar é a melhor solução, mas, agindo assim, estaremos apenas reforçando um modelo ultrapassado de sobrevivência no mercado. A economia globalizada exige que tenhamos uma compreensão ampla do setor em que atuamos. Pecuárista não sobrevive sem frigorífico; frigorífico não existe sem pecuarista.

Assim, é incompreensível a atitude unilateral dos frigoríficos em fazer baixar o preço da arroba. Se houvesse motivos para isso, por que não convidaram os pecuaris-

tas para um acordo fundamentado em dados?

A maneira coercitiva como fizeram os frigoríficos explica, portanto, a iniciativa da CNA de levar denúncia ao CADE. Mas até que ponto será essa uma solução efetiva para o estabelecimento de um preço justo para o boi gordo, do curto ao longo prazo?

A pecuária brasileira não pode mais ficar sujeita a soluções de ocasião para seus problemas. Sua grandeza exige soluções estruturais, sólidas. E o melhor caminho para isso é fortalecer o conceito de cadeia produtiva da carne bovina, o que implica necessariamente que pecuaristas e frigoríficos se vejam como partes integradas de um todo, portanto dispostas ao entendimento, e não como setores opostos, sempre prontos para o embate.

A propósito, o ministro Roberto Rodrigues já criou há tempos a Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne Bovina. Ela foi constituída em maio de 2003 e conta com representação de todos os setores ligados ao produto. Ou seja, já existe um ambiente institucionalizado para o entendimento. Só falta ser utilizado.



Associação Brasileira de Criadores

Av. José César de Oliveira, 181 - 11º andar
Vila Leopoldina
CEP 05317-000 - São Paulo-SP
Fone: (11) 3832.9369 Fax: (11) 3831.2731
E-mail: abc@abccriadores.com.br www.abccriadores.com.br

Associação Brasileira de Criadores (ex-Associação Paulista dos Criadores de Bovinos), reconhecida como utilidade pública pelo Decreto Estadual nº 33.811, de 20 de outubro de 1958. Registrada no Ministério da Agricultura sob nº35, como jurisdição nacional.

Diretoria

Presidente: Luis Alberto Moreira Ferreira

Vices-Presidente: Ney Soares Piegas, Rubens Malta de Souza Campos Filho, Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, Luiz Francisco Pavan Silveira, Eduardo Nunes Gusso.

Secretários: Jair Martineli, Wanda Pompeu Geribello.

Tesoureiros: Gustavo dos Reis Filho, Francisco Márcio da Costa Carvalho.

Conselho Deliberativo

Presidente: Nelson Luiz Baeta Neves

Vice-Presidente: Silvio Maria Crespi

Conselheiros Natos: Manoel Elpídio Pereira de Queiroz Filho, Guilherme Monteiro Junqueira, José Cassiano Gomes dos Reis Junior, Luis Alberto Moreira Ferreira.

Conselheiros Efetivos: Carlos Eduardo Moreira Ferreira, José Amauri Dimarzio, José Luiz de Paula Eduardo, Ney Soares Piegas, Eduardo Dias Roxo Nobre, Rubens Malta de Souza Campos Filho, Elisa Guerra Malta Campos, Isabel Sampaio Moreira Piegas.

Conselheiros Suplentes: Luiz Rondon Teixeira Magalhães, Francisco Márcio da Costa Carvalho, Greice Mara Martins Gomes Martins da Silva, Jair Martineli, Gustavo dos Reis Filho, Carlos Eduardo Duprat, Edgardo Héctor Pérez, Eugênio Salgueiro Gomes.

Conselho Fiscal

Efetivos: Edgardo Héctor Pérez, Licínio dos Santos Silva Filho, Eugênio Salgueiro Gomes

Suplentes: Maria Eugênia da Silva Telles, Milton Saad, Theodoro Quartim Barbosa Netto

acadêmica

O Jornal dos Criadores é editado pela Acadêmica Agência de Comunicação.

(11) 5549-1863

Edição: José Roberto Ferreira
Projeto gráfico e arte: A. C. Prado

“Encontros com a Pecuária” começam neste mês na ABC

Um espaço permanente para a discussão de temas relevantes da pecuária brasileira e da cadeia produtiva da carne bovina. Este é o espírito do programa “Encontros com a Pecuária”, que a Associação Brasileira dos Criadores está lançando neste mês, quando já ocorrem duas atividades: uma palestra sobre qualidade da carne e uma mesa-redonda sobre o futuro do Sisbov, ambos na sede da ABC.

“Como uma entidade plural e independente, a ABC sente-se à vontade e ao mesmo tempo com o compromisso de incentivar o debate de temas

importantes para a evolução da pecuária e também de discutir os problemas que afligem o nosso setor”, explicou o presidente da Associação, Luis Alberto Moreira Ferreira, idealizador do programa. Os “Encontros com a Pecuária” não terão uma frequência definida, um formato rígido e nem restrições de temas. “Procuremos realizar, em média, uma atividade por mês, com formato adequado ao tema e ao número de participantes”.

“Encontros com a Pecuária”, na realidade, decorre da própria experiência da ABC. Nos últimos três anos,

a entidade realizou 13 eventos, entre seminários, mesas-redondas e palestras, em que foram discutidos temas como rastreabilidade, classificação de carcaça, doença da “vaca louca”, recursos hídricos, transgênicos e tributação.

Qualidade da carne e Sisbov

A primeira atividade do programa “Encontros com a Pecuária” será a palestra “Programa de Qualidade Bovinos Independência”, dia 18 de abril, das 9h30 às 13h00, na sede da ABC. O tema será apresentado por Miguel G. Russo (Neto), diretor da Independência Alimentos.

A segunda atividade, marcada para 26 de abril, também das 9h30 às 13h00, será a mesa-redonda “O futuro da rastreabilidade bovina”, com as presenças do coordenador do Sisbov, Naor Maia Luna, do presidente da Associação das Empresas de Certificação e Rastreabilidade Agropecuária (Acerta), Luciano Medici Antunes, e do presidente da ABC, Luis Alberto Moreira Ferreira.

O acesso aos eventos é gratuito. A ABC solicita que os interessados confirmem presença pelo telefone (11) 3832-9369 ou pelo e-mail abc@abccriadores.com.br. Há estacionamento gratuito para veículos. O endereço da ABC é Avenida José César de Oliveira 181, 11º andar, Vila Leopoldina, São Paulo, SP.



TRANSGÊNICOS Luis Alberto Moreira Ferreira (centro) com os professores Crodovaldo Pavan e Ernesto Patemiani, no seminário sobre alimentos transgênicos, realizado em março de 2003.

Pecuaristas querem classe unida

Em uma enquete realizada pela diretoria da ABC junto a seus associados, prevaleceu o entendimento de que a união dos pecuaristas é a única maneira de conseguirem preços justos para o boi gordo na venda aos frigoríficos. “Sem a união da classe e uma entidade que se disponha a levar nossa bandeira, nada acontecerá”, enfatizou Arthur Souto Maior Filizola, de Belo Horizonte. “Os pecuaristas precisam se unir para exigir preço com lucro; se não houver união, os frigoríficos ganham sozinhos”, observou Jacintho Ferreira e Sá, de Ourinhos, SP.

A maioria dos participantes da enquete acredita que os frigoríficos estabelecem uma política conjunta de controle no preço do boi. Como resposta, Marco Antonio Padula, de Rio Claro, SP, acentua que “nós, criadores, deveríamos igualmente desenvolver uniformização do valor”.

A denúncia de formação de cartel por parte dos frigoríficos foi defendida pela minoria dos associados ouvidos na enquete, como Ivan Zarif, de Guarulhos, SP. “Como considero difícil um acordo, proponho que se faça já denúncia ao CADE pela formação de cartel”, propôs. A maioria,

no entanto, acredita que pecuaristas e frigoríficos devem atuar em comum acordo. Carlos Eduardo Moreira Ferreira, de Brotas, SP, sugere “muito diálogo e levantamento dos custos de produção x preços internacionais pagos aos frigoríficos exportadores” e pede “justiça nas negociações para que haja benefícios mútuos”. Rodrigo Odilon Guedes Bandeiras, de São Paulo, SP, pede “uma solução sadia e racional” e acredita inclusive que “é oportuno a classe produtora negociar com os frigoríficos o pagamento do couro e das vísceras”.

A crise é parte do negócio

Roberto Rodrigues

Parte importante do agronegócio brasileiro está na crise. Na verdade, trata-se de uma crise conjuntural, uma crise anunciada. Desde o ano passado já eram claras as perspectivas preocupantes que cercavam a nova safra em virtude da queda dos preços e elevação do custo dos insumos. A seca, no entanto, tornou ainda mais dramático um quadro que já era grave.

Apesar de tudo isso, não podemos perder de vista o fato de que, estruturalmente, o agronegócio brasileiro continua a ser um dos mais competitivos do mundo e com enorme potencial de crescimento. Agora, o que precisa ser feito é apoiar o setor para superar as suas atuais dificuldades e retomar a rota de crescimento, ajudando o país a crescer, gerando empregos e riqueza.

Diante desse quadro, é fundamental aprimorar o diagnóstico para poder aplicar a medicação adequada. A demanda crescente dos últimos anos por insumos agrícolas, associada ao aumento mundial dos preços do petróleo e do aço, fez com que os custos de produção subissem assustadoramente. É bem verdade que os custos subiram para todos os produtos, mas soja, algodão, milho, arroz e trigo foram os mais afetados, já que os produtores compram os insumos quando vendem a produção da safra anterior, isto é, de abril a junho. Como o dólar estava mais valorizado do que hoje – quando estamos vendendo a safra plantada com aqueles insumos –, é razoável afirmar que o aumento médio do custo de produção ficou perto de 17%.

Em segundo lugar, as super-safras registradas no hemisfério norte provocaram um recorde da oferta mundial desses produtos, derrubando, de forma devastadora, seus preços internacionais, com evidentes reflexos negativos nos preços internos, em reais, potencializados pela desvalorização da moeda americana.

Em terceiro lugar, a marcha ascendente da nossa competitividade, nos últimos anos, tem seu preço, pois os agricultores se endividaram pesadamente, sobretudo no capítulo dos investimentos, com a compra de no-

vos tratores, colheitadeiras e equipamentos, além da construção de silos e armazéns nas fazendas e cooperativas. Os financiamentos para investimento chegaram a R\$ 21 bilhões no período 2001-2004. A capacidade de pagamentos dessas dívidas, entretanto, ficou muito prejudicada pelo descasamento ocorrido entre custos e preços dos produtos agrícolas em 2005.

Em quarto lugar, uma seca nunca vista no Rio Grande do Sul – e menos abrangente, mas igualmente feroz, em outros estados –, provocou uma queda de produção que superou 50% em inúmeras áreas. Ora, com a lucratividade média da agricultura dificilmente ultrapassa 12%, fica evidenciada a incapacidade dos produtores atingidos de se manterem na atividade. E a seca é democrática: atinge todos os agricultores (pequenos, médios e grandes) e, de forma indireta, os trabalhadores e as empresas. Ninguém escapa.

E, em quinto lugar, os custos da logística inadequada – estradas e portos –, suportáveis quando os preços e a produtividade são altos, ficam insuportáveis em situação inversa, como a hoje vivida em todo o sul do país e em boa parte do centro-oeste.

Todos esses fatores compõem um cenário dramático – embora conjuntural – para o nosso setor rural. Mas exatamente por se conjuntural, precisa ser acudido, de modo a não comprometer a poderosa competitividade que vimos construindo ao longo dos anos, já muito duramente combatida fora do país, em mesas de negociações, por concorrentes que se assombraram com a nossa capacidade inescotável de conquistar novos mercados, em detrimento, sobretudo, dos países ricos.

É descabido dizer que nos últimos anos, em função dos bons resultados obtidos, os agricultores acumularam gordura que poderia agora ser queimada. A agricultura é como bicicleta: se parar de pedalar, cai. O produtor, para se manter competitivo num mundo globalizado, tem que usar os ganhos dos anos melhores para se capitalizar (melhorar seus equipamentos e parque automecanizado, adquirir melhores tecnologias, etc). Mesmo

aqueles que, capitalizados, comprar mais terra para ampliar a produção, estão, com isso, gerando mais empregos, mais riqueza e mais excedentes. Esses, contudo, não são a regra, e, ainda que fossem, é preciso lembrar que na crise os preços da terra despencam, dilapidando o patrimônio adquirido. Portanto, não há porque falar em queima de gordura na dimensão necessária ao duro ajuste de contas.

Para fazer frente a tudo isso, o governo está buscando os mecanismos para amenizar os prejuízos incalculáveis que os produtores estão amargando em 2005.

Nos países desenvolvidos, além de vultosos subsídios nos casos de quebra de produção ou de preços, há um seguro rural que garante a renda, e, em grande parte, os prêmios são bancados pelos governos. No Brasil, estamos engatinhando nessa modalidade de seguro, o que não nos permite atender a calamidades dessa natureza. A caminhada até esse estágio é árdua e demorada.

Sem instrumentos equivalentes aos dos países ricos, as ações do governo deverão se concentrar na prorrogação de dívidas do crédito rural. Não se trata de perdão de dívidas – o que os produtores não querem –, nem de resolver o problema de 100% deles, o que é impossível, mas sim garantir condições equilibradas para saldá-las, de forma a resolver ou minorar os problemas num momento tão difícil.

É preciso enfatizar que o governo não faz isso por caridade. Faz porque tem a consciência – como de resto, hoje, a tem toda a sociedade brasileira – de que o agronegócio, responsável por 34% do PIB nacional, por 37% dos empregos, por 43% das exportações e por 100% do superávit comercial, é a alavanca da nossa economia e grande propulsor de outros setores. Ao assegurar a continuação da atividade, momentaneamente em crise, o governo garantirá o crescimento do país e melhores condições de vida para o povo brasileiro.

Artigo originalmente publicado no jornal *Valor Econômico*, edição de 23/03/2005.

ABC em reunião do Rural Brasil

Em reunião do Conselho Superior de Agricultura e Pecuária do Brasil (Rural Brasil), no dia 16 de março, na sede da CNA, em Brasília, o presidente da ABC, Luis Alberto Moreira Ferreira, informou sobre o encontro entre representantes da pecuária e dos frigoríficos ocorrido em São Paulo, no início de março, para discutir o deságio no preço da arroba do boi gordo. "Relatei aos presentes os debates havidos com os representantes da indústria e o nosso esforço para se chegar a um acordo

sem traumas", informou Luis Alberto. Naquele mesmo dia, a CNA, por meio do Fórum Nacional Permanente da Pecuária de Corte, protocolou, na Secretaria de Direito Econômico do Ministério da Justiça, pedido de investigação de formação de cartel por parte das grandes indústrias frigoríficas.

Além da CNA e da ABC, fazem parte do Rural Brasil a ABCZ, a Sociedade Rural Brasileira e entidades dos setores do algodão, café, aves e cooperativismo.

Em Brasília I

O presidente da ABC visitou também o novo responsável pelo Sisobv, Naor Maia Luna. Com a reformulação administrativa ocorrida no Ministério da Agricultura, o sistema de rastreabilidade foi transferido da Secretaria de Defesa Agropecuária para a Secretaria de Desenvolvimento Agropecuário e Cooperativismo. Luis Alberto convidou Naor Luna para uma mesa-redonda sobre o Sisobv (veja página 3).

Alckmin na ADVB

O vice-presidente da ABC, Ney Soares Piegas, representou a entidade na primeira rodada do Fórum de Debates Político e Empresarial da ADVB de 2005, realizada no dia 7 de março, em São Paulo. O convidado foi o governador paulista Geraldo Alckmin, que falou para uma platéia composta por cerca de 1.300 empresários.



Ney Soares Piegas

Em Brasília II

Na mesma viagem a Brasília, Luis Alberto se reuniu com o chefe de gabinete do Ministério da Agricultura, Célio Porto. Entre os assuntos discutidos, esteve a reformulação da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Carne Bovina, da qual a ABC faz parte.

Turismo rural I

O programa SBT Rural, que vai ao ar de segunda a sexta-feira das 6h30 às 7h00, gravou entrevista com o presidente da ABC, Luis Alberto Moreira Ferreira, que também dirige a Associação Brasileira de Turismo Rural (ABTR). Foram feitas 15 perguntas, que irão ao ar, uma por dia, a partir do início de maio.

Conselho da Agrishow

O tesoureiro da ABC, Gustavo dos Reis Filho, representou a entidade na reunião do Conselho Consultivo da Agrishow em que foram discutidos vários aspectos sobre o evento a ser realizado de 16 a 21 de maio, em Ribeirão Preto. Para o conforto dos visitantes, serão construídos banheiros de alvenaria e áreas de descanso. As ruas serão compactadas, para diminuir a poeira. Serão criadas atividades dirigidas ao público feminino, como preparação de embutidos, defumação e panificação caseira. A divulgação do evento procurará atingir também o pequeno agricultor e será disponibilizado um estande para esclarecimentos sobre os alimentos transgênicos.



Luis Alberto Moreira Ferreira

Produtos orgânicos

A Comissão da Produção Orgânica de São Paulo reuniu-se em 28 de março, na sede do SEBRAE/SP, quando definiu as entidades dos trabalhadores rurais que serão representadas no colegiado e discutiu a regulamentação da lei 10.831, de 23 de dezembro 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica. Angelo Stefani Júnior representou a ABC.

Turismo rural II

A reunião do dia 16 de março da Câmara Setorial do Lazer e Turismo no Meio Rural de São Paulo contou a com presença de Wanda Pompeu Geribello e de Angelo Stefani Junior, representando a ABTR e a ABC. Na oportunidade, foi eleito o novo presidente do colegiado: João Pacheco, de Itu, em substituição a Mauro Dedemo Orlandini, de Bertioga. A nova gestão da Câmara pretende estabelecer uma ponte entre os empresários que trabalham ou pretendem trabalhar com o turismo rural e entidades governamentais que podem apoiá-los.

Só os frigoríficos estão ganhando

O deputado federal pelo PSDB de São Paulo Xico Graziano recém-iniciou seu segundo mandato na Câmara dos Deputados. Engenheiro agrônomo formado pela Esalq/USP, ex-secretário de Agricultura do Estado de São Paulo e desde sempre atento às questões do campo, adianta que vai acompanhar de perto, na Comissão de Agricultura da Câmara, todas

as questões ligadas ao setor produtivo, atuando em favor dos agricultores e pecuaristas. Na questão do embate entre frigoríficos exportadores e pecuaristas, bate duro: “A tabela utilizada pelos frigoríficos é só o fiapo da questão. Os frigoríficos, que ganharam enormemente com exportações nos últimos anos, não repassaram nada ao produtor.”

Jornal dos Criadores – Na polêmica entre frigoríficos e pecuaristas, na qual os pecuaristas acusam os frigoríficos de formação de cartel por causa da adoção de uma tabela que padroniza os pagamentos pelo boi abatido, quem está com a razão?

Xico Graziano – A tabelinha é apenas um fiapo do problema e comprova a formação do cartel, que é muito maior do que essa tabelinha. O ganho de rentabilidade com exportações de carne foi absurdo de uns anos para cá, enquanto o preço da arroba só caiu no Brasil. O maior exemplo de falta de sintonia na cadeia produtiva ocorre hoje, com a pecuária de corte. Há um elo muito forte, os frigoríficos, que se enriqueceram muito e não repassaram este ganho de rentabilidade obtido nas exportações para o setor produtivo. Eu uso esse problema como um anti-exemplo nas conferências que faço. Sempre digo que a cadeia produtiva tem de estar integrada, nenhum elo pode ser mais forte do que outro, e os frigoríficos rompem com todas essas teorias sobre integração das cadeias produtivas.

Não estaria havendo uma falta de diálogo de ambas as partes? Há frigoríficos, como o Bertin, que chamaram os produtores, fizeram abate técnico, mostraram exatamente o tipo de boi que queriam para exportação e por quê. A partir daí, os produtores se adequaram, passaram a entre-

gar um boi “na medida” e a ganhar até bônus por isso.

Não, não há perdão. A falta de diálogo existe, sim, porque há um pedaço da cadeia que é muito forte. São quatro ou cinco frigoríficos que controlam tudo. Foi o que aconteceu com a laranja na década passada, e ainda acontece em certo sentido. Você tem muitos produtores e poucos compradores que controlam o mercado. A arroba do boi para exportação valorizou-se, em dólar, 42% nos últimos anos, e o preço interno da arroba do boi não aumentou, caiu. É óbvio que está havendo uma apropriação de margem muito elevada no setor e isso não está sendo redistribuído, porque eles têm um poderio econômico muito forte. Este é o problema mais terrível no agronegócio brasileiro.

O senhor integra a Comissão de Agricultura da Câmara Federal...

Vamos atuar fortemente na Comissão de Agricultura. Não é nada contra ninguém, mas a favor dos produtores, que têm que participar dos ganhos das exportações. O Brasil está exportando US\$ 5 bilhões em carnes. E os produtores, estão ganhando também? Ou quem está ganhando é só quem processa? É isso que tem que mudar. Então, a iniciativa que os pecuaristas de corte já tomaram, acusando os frigoríficos, no Conselho de Desenvolvimento Econômico (Cade), de formação de cartel, já é uma ação.



Xico Graziano: “Frigoríficos rompem com todas teorias sobre integração das cadeias produtivas”.

A rastreabilidade é outro tema polêmico na pecuária brasileira. O senhor é a favor do Sisbov?

O Sisbov é algo positivo na agenda da rastreabilidade, e o Brasil o fez, mas fez de brincadeira, pondo um brinco no boi. E o gado brasileiro continua não sendo rastreado, embora eu acredite que rastreabilidade é uma agenda do futuro e obrigatória. É a certificação de origem do produto, que vale tanto para carnes, para frutas, para tudo. Teremos de fazer isso mesmo, é inescapável, embora, em relação ao Sisbov, o que nós fize-

mos no Brasil até agora foi para inglês ver.

E em relação à defesa sanitária animal. O governo caminha bem nessa área?

Acho que a maior deficiência da política agropecuária no Brasil é o sistema de defesa e vigilância. É o pior. É muito frágil, gasta-se muito pouco. O coitado do ministro tem de ficar pedindo dinheiro para uma coisa fundamental. Mas, graças ao ministro é que ainda temos conseguido recursos, porque ainda não se entendeu realmente que isso é fundamental. Eu não sei quanto os nossos concorrentes sabem disso, porque a gente acaba fingindo que é melhor do que é.

O que pode ser melhorado?

Os próprios sistemas de controle. É necessário gastar muito mais dinheiro do que tem sido gasto. O Sistema de Inspeção Federal é muito antigo. Simplesmente colocar um veterinário dentro de cada frigorífico para atestar a qualidade da carne não é o ideal. É necessário adotar sistemas mais modernos, de controles nas cadeias produtivas, controle de processos... Nesses novos modelos não é o veterinário que garante a qualidade, é o acompanhamento de todas as fases do processo. Eu penso que deveríamos ter um sistema descentralizado, com parcerias com a iniciativa privada, e que o Estado deveria supervisionar esses controles, não estatizá-los.

Com a defesa sanitária que temos, então, a aftosa não ter surgido em alguns circuitos pecuários fundamentais é uma questão de sorte?

Nós já deveríamos ter acabado com a aftosa, mas ela está sob controle. O problema é que há muitas outras doenças sobre as quais ainda não temos controle, como brucelose, tuberculose e cisticercose, entre outras doenças endêmicas. E temos um sistema que pune só

o produtor e não trabalha com a idéia do processo, de garantir qualidade em toda a cadeia produtiva, de descentralizar mais a vigilância, de implantar controles de qualidade.

Falando agora sobre agricultura. O cenário desta safra não está muito favorável: a equação alta de custos e baixa de cotações tem deixado muitos produtores desanimados.

Eu sempre avalei que a expansão da agricultura estava sendo um pouco acelerada demais. Então o tranco deste ano não é de

todo mal, tem um lado positivo. A situação este ano avisa: “Vamos com calma, gente...” Nós sabemos como são os ciclos agropecuários. A economia tem ciclos, a agricultura e pecuária têm ciclos. O problema, principalmente nesta safra, porém, é que o agricultor ainda não aprendeu a fazer provisões de caixa, não pensa como empresário. Ele se deixa levar facilmente por um atavismo: ganhou dinheiro, compra mais terra. Aí fica ilíquido, sem caixa pra enfrentar uma dificuldade. Este ano, então, é de aprendizado.

Quanto à logística de transporte e armazenagem das safras, o governo tem feito a parte dele?

As deficiências de infra-estrutura mais dramáticas hoje estão no setor de transportes. Quando olhamos para as rodovias brasileiras, a situação é vergonhosa, e isso afeta demais a agricultura. Nos outros setores, portos, armazenagem, tudo vai indo e qualquer analista sabe que isso não se resolverá em menos de cinco a dez anos. Há investimentos pesados que precisarão ser feitos, e estão sendo feitos na agenda brasileira. Mas a questão das rodovias é dramática. A política de transportes do atual governo é zero, e estradas são um capítulo à parte.

E quanto às constantes invasões de terra promovidas pelo

MST e afins?

Nesse ponto, o governo é dúbio, omissivo, e não sabe o que faz com a principal cria dele, o MST. O Lula está tratando disso como se o MST fosse um filho malcriado. Dá uns tapinhas, mas não reprime de vez. E é preciso reprimir. A agenda democrática do Brasil não pode conviver com invasão de terra. Invasão de terra produtiva, de áreas com eucaliptos... Essas invasões deveriam ter sido mais reprimidas no governo Fernando Henrique e já não foram. Agora, o governo Lula bate e assopra, não sabe o que fazer, está claramente perdido.

O senhor é favorável aos transgênicos. Está satisfeito com a aprovação para que sejam plantados no Brasil?

Sim, sempre fui favorável à tecnologia dos transgênicos, mas eu só sei responder sobre cada um deles. É o mesmo com os carros: sou favorável aos carros, mas há carros que eu não gosto, porque não prestam. Agora, a comparação com atraso ou avanço não pode ficar com os Estados Unidos ou Canadá. Quem mais investiu em pesquisa nos últimos cinco anos foram China, Índia e Cuba e os países da Europa. Então isso tudo vai aflorar.

O Brasil ficou paralisado na pesquisa transgênica.

Dá até medo de que a China comece rapidamente a lançar produtos de extrema qualidade, de segunda e terceira gerações. Outro dia, inclusive, a CTNBio liberou o plantio do algodão Bt. Sem esse algodão, ficaríamos para trás. Agora que os custos se elevaram, o algodão tem de ser bom mesmo e exigir pouca aplicação de agrotóxicos. Não dá mais, na situação atual, para ficar fazendo 18 aplicações de agrotóxicos, como exige o algodão convencional. Com o transgênico, esse número cai de três a cinco aplicações. Nosso diferencial já era muito grande em relação à qualidade de fibra e à produtividade, mas também os preços estavam excepcionais. Agora que o preço caiu, é preciso reduzir custos.

“O Sisbov é algo positivo na agenda da rastreabilidade”

Baeta Neves auxilia prefeitura de SP

O presidente do Conselho Deliberativo da ABC, Nelson Luiz Baeta Neves, vem desde o início de março colaborando com a prefeitura paulistana. Ele foi escolhido pelo prefeito José Serra para presidir o Conselho de Orientação do Fundo Municipal de Turismo (Futur), colegiado vinculado à Anhembi Turismo e Eventos.

Baeta Neves, que é também presidente da Associação Paulista Viva, informou que se dedicará à captação de recursos para a promoção de eventos e de atividades turísticas e de lazer.

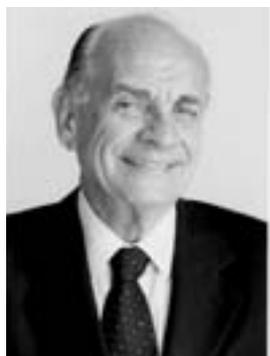
Silvio Crespi no Jockey

O vice-presidente do Conselho Deliberativo da ABC, Silvio Maria Crespi, passou a integrar também o Conselho Superior do Jockey Club de São Paulo. Ele foi eleito no dia 8 de março, no mesmo pleito que escolheu o empresário Márcio Corrêa de Toledo como novo presidente da diretoria executiva do Jockey.

Elisa Campos na BPW

A Associação das Mulheres de Negócios e Profissionais de São

Paulo tem como nova presidente a produtora rural e conselheira da ABC Elisa Guerra Malta Campos. Ela foi eleita em março, para a gestão 2005-2006. A entidade é vinculada à Business Professional Women (BPW), organização não governamental presente em mais de 100 países. No Brasil, há 28 BPWs, nas cinco regiões, a maioria delas nas regiões Sul e Sudeste. A missão da entidade é “agregar mulheres de negócios e profissionais, orientando e coordenando seu desenvolvimento pleno nas esferas de poder público e de mercado”.



Elisa Campos,
Baeta Neves e
Silvio Crespi

Nelore tem nova diretoria

A partir do dia 8 de março a Associação de Criadores de Nelore do Brasil (ACNB) passou a ser presidida pela pecuarista Alice Maria Barreto Prado Ferreira, em substituição a Carlos Viacava. Na gestão anterior, Alice Ferreira ocupou a vice-presidência; sua escolha foi consenso na assembleia ordinária que definiu a nova diretoria para os próximos três anos.

Os novos vices-presidente são Luis Carlos Marino, Dario Ferreira Guarita, Jayme dos Santos Miranda, Aprígio Lopes Xavier e Pedro Ribeiro Novis; secretário geral, Helder Galera; 1º secretário Felipe Picciani; 2º secretário, Carlos Gonçalves; 1º tesoureiro Fernando Botelho; 2º tesoureiro, Ronan Eutaquio Silva.



Alice Ferreira, no comando da ACNB.

Nordeste se destaca na Feinco

A segunda edição da Feira Internacional de Caprinos e Ovinos (Feinco 2005) registrou crescimento em relação à edição anterior, comprovando o bom momento pelo qual passa a caprino-ovino-cultura. Segundo a Agrocentro, organizadora da Feinco, o evento, realizado em São Paulo entre os dias 17 e 20 de março, faturou mais de R\$ 1,4 milhão com o comércio de animais e atraiu para o Centro de Exposições Imigrantes 15 mil visitantes, 120 expositores e mais de 2 mil animais, provenientes de 120 criadores de todo o Brasil e do exterior.

Na avaliação do vice-presidente da ABC, Ney Soares Piegas, a Feira evidenciou alguns aspectos que merecem reflexão por parte de organismos governamentais e dos criadores em geral. Ele observa “que o berço da ovinocultura no Brasil – o Rio Grande do Sul – está sendo ultrapassado, ou já o

foi, pelo Nordeste, seja em termos de tecnologia de reprodução animal ou de rentabilidade financeira, com os animais alcançando preços muitíssimo superiores aos praticados no resto do Brasil”.

Os ovinocultores nordestinos já utilizam em grande escala inseminação artificial com congelamento de sêmen, transferência de embriões, fertilização in vitro e sexagem de sêmen, “técnicas ainda praticamente desconhecidas nesta atividade em outros Estados”, ressalta o vice-presidente da ABC.

A Feinco também permitiu constatar que estão sendo instalados diversos projetos de ovinocultura de carne no Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Paraná e São Paulo. Para Ney Piegas, isso “mostra o vigoroso crescimento previsto para a atividade, enquanto a ovinocultura tradicional de lã ou mista permanece estabilizada”.

Os curiosos caminhos do leite paulistano, em livro.



O zebu era barrado nas exposições de São Paulo, o leite era envasado em garrafa escura e havia criadores que cortavam as orelhas de suas vacas. Essas curiosidades e centenas de outras estão no livro *O Leite na Paulicéia*, escrito por João Castanho Dias, jornalista que atua na área leiteira há 25 anos.

Ilustrado com 300 fotografias, reunindo muitos documentos inéditos e apresentando um acabamento gráfico de primeira, *O Leite na Paulicéia* é o primeiro do gênero no Brasil. Trata-se de uma obra importante não só para os empresários do setor, mas também para quem gosta de leite. Em suas 152 páginas estão registrados os produtores que “tiravam o melhor leite do mundo, os primeiros laticínios paulistanos, a primeira exposição, o primeiro torneio leiteiro e o primeiro lei-

lão de raças especializadas de leite de São Paulo, os ciclos das embalagens, a era do leite longa vida”, informa o autor.



Pelé, em 1958: leite em nova embalagem.

Para fazer o livro, João Castanho se dedicou a pesquisas em antiquários e em sebos e percorreu 57 mil páginas de 1.100 exemplares de publicações. Historiografia completa do leite da era colonial aos dias de hoje, *O Leite na Paulicéia* reproduz os curiosos anúncios publicados nas três revistas leiteiras que circularam no Brasil por mais de meio século, entre eles os da Revista dos Criadores, editada pela ABC.

O livro mostra ainda celebridades e suas ligações com o leite, como Getúlio Vargas, Carlos Drummond, Monteiro Lobato, Pelé e até o magnata Nelson Rockefeller. Relata também o caso de banqueiros, empresários, jogadores de futebol e ministros que se tornaram produtores de leite. São cerca de 25 personalidades, todas fotografadas em suas fazendas.

O Leite na Paulicéia teve o patrocínio da Tetra Pak e a permis-

são da Prefeitura de São Paulo para usar o selo oficial dos 450 anos da cidade. Ao preço de R\$ 125,00, pode ser comprado pelo fone (11) 221-2599 ou pelo site www.leite-brasil.org.br/livro.



Getúlio Vargas (centro), em 1945, visita uma fazenda leiteira.



Na década de 1930, chegou a São Paulo o leite pasteurizado.



Foto de 1933 registra a frota de caminhões do Leite Paulista.



João Castanho: 152 páginas para a memória do leite.

Brasil será sede do congresso IFMA

O 15º Congresso da IFMA, promovido a cada dois anos pela Associação Internacional de Administração Rural (International Farm Management Association), será realizado pela primeira vez no Brasil, na cidade de Campinas, SP. Entre 14 a 19 de agosto, cerca de 800 profissionais do Brasil e do exterior estarão reunidos com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre administração rural e trocar informações a respeito da prática e teoria da administração. Nesta edição, realizada simultaneamente com o 5º Congresso Brasileiro de

Administração Rural, o tema será “Desenvolvendo Habilidades Empresariais para Alimentar o Mundo de Maneira Sustentável”. Na programação, serão feitas visitas a empresas agropecuárias, agroindustriais e a outras instituições do agronegócio. O evento está sendo organizado por várias universidades brasileiras e a seleção para apresentação de trabalhos de pesquisa ou de experiências relevantes será feita até o dia 13 de maio. Os públicos-alvo são produtores, dirigentes, representantes de entidades de classe, pesquisadores, professores e profissionais do agronegócio. (19) 3429-8837, ifmapres@esalq.usp.br, www.ifma15.org

Na edição passada, a Agrotins movimentou R\$ 33 milhões, atraindo um público de mais de 32 mil pessoas. (63) 218-2136 / 218-2112, www.to.gov.br/seagro

EXPOINGÁ

6 a 15 de maio, em Maringá, PR. A 33ª edição da EXPOINGÁ será uma vitrine de produtos, serviços e inovações tecnológicas de setores diferenciados como indústria, comércio, agropecuária, gastronomia e entretenimento. Além de centenas de expositores do Brasil, a feira terá a participação de representantes de diferentes países da América Latina, Europa e Ásia. (44) 228-5676 / 228-5461, www.expoinga.com.br

AGRISHOW RIBEIRÃO

Além da mostra tradicional de máquinas e equipamentos e a apresentação de novas tecnologias agrícolas, a 12ª edição da Feira Internacional de Tecnologia Agrícola, a Agrishow Ribeirão Preto, procura abrir espaço para novas modalidades e diversificar a presença de setores do agronegócio. A bioenergia será um de seus destaques, como forma de motivar a presença de indústrias que investem nesse novo setor. A agricultura de pequeno porte terá espaço ampliado, com projetos de olericultura, o mesmo ocorrente com a piscicultura.

MULHERES DO CAMPO

20 a 24 de abril, em Uberaba, MG. O 2º Congresso Internacional de Mulheres do Campo, promovido com o apoio da Associação Brasileira de Hereford e Braford, reunirá mulheres que direta ou indiretamente atuam no meio rural. Serão discutidos temas relacionados à evolução do mercado de trabalho, linhas de crédito, combate à violência, saúde, educação, entre outros. (53) 247-2835.

71ª EXPOZEBU

29 de abril a 10 de maio, em Uberaba, MG. Leilões, concursos, shows e exposição de animais na maior feira de gado Zebu do Brasil. Onze novos pavilhões estão sendo construídos no parque de exposição para alojar os bovinos. Com isso, o parque passará a contar com 34 pavilhões, três deles destinados aos animais participantes de leilões ocorridos durante a feira e outro para as fêmeas do concurso leiteiro. Já o número total de argolas passará de 1.584 para 2.244. (34) 3319-3900, www.abcz.org.br

TECNOLÁCTEA

26 a 28 de abril, em São Paulo, SP. A 3ª edição da Feira Técnica Internacional de Produtos para a Indústria de Leite e Derivados irá mostrar aos produtores de leite, indústrias de laticínios e distribuidores as inovações em tecnologia no setor. O programa de palestras técnicas abordará as tendências de mercado, análises econômicas da cadeia do leite, desenvolvimento de novos produtos e tecnologias de processo, dentre outros temas de relevância nacional e internacional. (11) 3885-4265, www.dipemar.com.br

AGROTINS

4 a 8 de maio, em Palmas, TO. A maior feira de tecnologia agropecuária da região Norte do País, a Agrotins, apresentará as últimas novidades da agricultura, pecuária e agronegócio por meio de empresas públicas e privadas de pesquisas, máquinas, equipamentos, implementos agrícolas, sementes, fertilizantes, produtos, serviços, entre outros. Na ocasião, também serão feitas demonstrações de trabalhos desenvolvidos na área para aumentar a produção, produtividade e lucratividade.

TURISMO RURAL

2 a 4 de junho, em São Paulo, SP. A Associação dos Municípios de Interesse Turístico (AMITur) realizará a 4ª edição do Salão São Paulo de Turismo, que visa promover o turismo das cidades do interior e litoral paulista. O objetivo do evento é mostrar o potencial turístico do Estado de São Paulo. Mais informações na ABTR – Associação Brasileira de Turismo Rural, (11) 3641-5566, com Erenilda.



Valores nominais do leite – R\$/litro (Produtor)

Leite	Data	MG	RS	SP	PR	GO
Tipo C	Fev/05	0,5432	0,5437	0,5383	0,4993	0,5299
	Jan/05	0,5346	0,5287	0,5305	0,5081	0,5283

Fonte: Cepea – Esalq USP

Indicador boi gordo – SP Média simples no período

Mês	R\$ - Vista	R\$ - Prazo
Fev/05	58,27	59,30
Jan/05	59,56	60,62
variação	-2,16	-2,18

Recebido pelo Produtor; a descontar Funrural (2,3%)
Fonte: Esalq/BMF

Indicador bezerro – MS Média simples no período

Mês	R\$/unid - Vista	Peso médio
Fev/05	371,30	181,13
Jan/05	371,80	180,32
variação	-0,13	*

Fonte: Esalq/BMF

Cotação do boi gordo R\$/@ – 29/04/2005

Frigorífico	Animal não rastreado	Animal Rastreado	Funrural
Bertin	s/ compra	57,00	descontar
Friboi	s/ compra	57,00	descontar
Independência	s/ compra	53,00	descontar
Frighostrela	56,00	58,00	descontar
Minerva	53,00	56,00	livre
Mondeli	55,00	57,00	descontar
Marfrig	54,00	57,00	descontar

Prazo de pagamento – 30 dias

LEITE – Mercado firme

O produtor de leite continua pagando caro para continuar na atividade. A profissionalização e utilização de tecnologia em manejo ainda são as exigências para a permanência no setor. O mercado continua estável, e existe uma tendência de pequena alta nos preços, caso a demanda interna continue firme e as exportações se mantenham.

Participação do Agronegócio no PIB brasileiro – R\$ milhões

Ano	PIB - BR	Agronegócio		Agricultura		Pecuária	
1994	1.409.041	429.030	30,45%	309.487	21,96%	119.543	8,48%
1995	1.468.556	441.567	30,07%	315.043	21,45%	126.523	8,62%
1996	1.507.599	434.401	28,81%	312.253	20,71%	122.147	8,10%
1997	1.556.918	430.561	27,65%	312.836	20,09%	117.725	7,56%
1998	1.558.972	433.057	27,78%	310.100	19,89%	122.957	7,89%
1999	1.571.217	441.036	28,07%	310.476	19,76%	130.560	8,31%
2000	1.639.733	441.469	26,92%	304.160	18,55%	137.309	8,37%
2001	1.661.256	449.181	27,04%	309.959	18,66%	139.222	8,38%
2002	1.693.265	488.743	28,86%	342.970	20,25%	145.773	8,61%
2003	1.702.492	520.683	30,58%	369.204	21,69%	151.479	8,90%
2004	1.775.700	533.984	30,07%	379.897	21,39%	154.087	8,68%

Fonte: adaptado - Cepea-usp/CNA

CORTE – Desâmimo

Câmbio estável e crescimento retílineo da demanda interna e externa ainda determinarão o cenário da pecuária brasileira no primeiro semestre de 2005. Uma mudança favorável ao pecuarista poderá ocorrer em abril, dependendo do comportamento da oferta, pois a seca dificulta a retenção dos animais em engorda e as condições climáticas já não favorecem as pastagens. A queda da cotação só não foi maior devido ao movimento e a pressão exercida pelos pecuaristas no último mês.



ASA - Associação Santo Agostinho

<http://www.asa-santoagostinho.org.br>
e-mail: a.santoagostinho@fema.com.br

"Educando 2000 crianças e jovens e acolhendo 56 idosos"

Faça como a Associação Brasileira de Criadores:

Apóie a nossa idéia e colabore com o nosso trabalho, aumentando ainda mais os resultados.

Banco Itaú - Agência 0161 C/C 26.152-4

Telefone para Contato:
(11) 3887-5341 / 3887-8161

Obrigado, em nome das nossas crianças, jovens e idosos.

F. Costa Carvalho
Corretora de
SEGUROS Ltda.

FUNDADA em 1975

Trabalhamos em todos os ramos de seguros.

(Vida, incêndio, veículo, rural, animais, aeronáutico, transporte, saúde, previdência)

Rua Conselheiro Crispiniano 53 8º andar conj. 81/82

Cep: 01037-901 - São Paulo-SP

Tel: (11) 3256-2266 - Fax: (11) 3256-8655

E-mail: fcosta@fcostacarvalho.com.br

1º LETIÃO Seleção Girolando - Mococa - SP
Sábado 23/Abril/2005 - 14h
Local: Recinto da Capoeira Leilões
R. 17, SP 340 km 374 (Casa Branca e Mococa)

210 FÊMEAS
VACAS - NOVILHAS - BEZERRAS

Bom Jardim da Serra
AGROPECUÁRIA
& Sítio Fama e comilões
Jacyntho Taliberti Neto

Informações:
Bom Jardim Agropecuária
(16) 3905-2604
(16) 8775-8104

Informações:
Dr. Jacyntho
(16) 3905-4000
(16) 8775-7070

Coordenador:
José Reis
(16) 3904-0521
(16) 8156-8000

15 ANOS
PARCELAS
COM JUROS

FINANCIAMENTO
ST
EVENTOS RURAIS
Ruralia
LEILÕES RURAIS

CELESTES FERRAZ FERRAZ
Rua do Dr. Manoel de Aguiar, 41 - 13.170-100

ST
190 3000-0001 / 0776-7700
Mococa - SP

www.ruralia.com.br
www.amepar.com.br
www.amepar.com.br
www.amepar.com.br

VENDA DE ALEVINOS



www.saogeraldosp.com.br

PIONEIRA NA REPRODUÇÃO DE ALEVINOS NA REGIÃO
ÚNICA PRODUTORA DE TUCUNARÉ DO SUDESTE
SUPORTE TÉCNICO E COMERCIAL QUALIFICADO

NOSSOS ALEVINOS.



**PIRARUCU, LAMBARI, CARPA CAPIM
CARPA CABEÇA GRANDE,
CARPA COMUM, PIRACANJUBA
JUNDIÁ, TAMBACÚ, PATINGA,
TAMBATINGA, PIRARARA**

E VÁRIAS OUTRAS ESPÉCIES

**DESPACHAMOS PARA
VÁRIAS REGIÕES DO BRASIL
CONSULTE-NOS**

Rod. Armando de salles Oliveira, km 343- Sp322

CEP: 14177-970 C.P.: 518 - Sertãozinho-SP

tel.(16) 3945.29.49

96091664 - 39455995 (noite)

saogeraldo@saogeraldosp.com.br